

Para Camilo,  
com muito carinho  
e admiração.  
Você é um companheiro  
especial. Com fio no  
seu grau de potencial  
como docente.  
M<sup>a</sup> Célia  
Flompa, 09.07.08.

## ENCONTROS MUSEOLÓGICOS

Reflexões sobre a museologia,  
a educação e o museu

Maria Célia Teixeira Moura Santos

2008

coleção **MUSEU**  
MEMÓRIA E CIDADANIA

projetos integrados, buscando o enriquecimento com a experiência do outro, o incentivo à criatividade e à abertura de novos caminhos.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por considerar que a ação pedagógica do museu é o resultado das nossas concepções de Museologia e Educação, busquei explicitar, neste texto, as relações que estabeleço entre as duas, a partir, portanto, da minha compreensão do processo museológico, entendido como um processo educativo. Como consequência, procurei enfatizar que a Museologia, o museu e a Educação sempre estiveram em interação, um alimentando o outro, e que a pesquisa é o caminho para que o museu possa contribuir efetivamente para o desenvolvimento social.

Ressalto que os diversos aspectos pontuados não são certezas, dogmas; ao contrário, são indagações, inquietações provocadas pela ação-reflexão de uma professora universitária que, ao longo dos anos, vem atuando com museus, escolas e grupos comunitários, aprendendo no interior da universidade e fora dela. Com certeza ficaram lacunas, que serão preenchidas no debate, na prática cotidiana de cada um e na troca salutar. Ressalto que tenho clareza das dificuldades que temos para alcançar os objetivos aqui propostos. Entretanto, como enfatizei na introdução, acredito na história como possibilidade e, por isso, ainda acredito no sonho, na utopia, na possibilidade de construir e reconstruir. Minha prática no interior de um colégio público da cidade de Salvador, nos últimos seis anos, me faz acreditar cada vez mais que podemos ser sujeitos da história.

Para finalizar, volto a uma das reflexões por mim apresentada no final do texto elaborado para o I Encontro de Museus Universitários, realizado em Goiânia (GO), em 1992:

A crítica ao museu enquanto subsistema é necessária, mas deve nos conduzir a uma análise do sistema social global, não só para compreender, mas, sobretudo, para transformar. Nesse sentido, a técnica não deve ser aplicada de forma mecânica, em compartimentos estanques, tornando a instituição uma mera executora de tarefas.

## museu e educação: conceitos e métodos

Texto produzido para a aula inaugural do Curso de Especialização em Museologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, proferida na abertura do Simpósio Internacional "Museu e Educação: conceitos e métodos", realizado no período de 20 a 25 de agosto de 2001.

## PRÓLOGO afetivo

Quando a prof<sup>a</sup>. Cristina Bruno me convidou para proferir esta aula-conferência, confesso que fui acometida de alguns sentimentos, o primeiro de contentamento, por considerar que em minha vida profissional este é um momento especial porque, além de falar com um grupo que acaba de ingressar no Curso de Especialização em Museologia do MAE/USP, impregnados de desejos, sonhos, esperanças, expectativas, materializados na vontade de buscar e produzir conhecimento, falo também com os alunos da primeira turma do Curso de Especialização, que hoje receberão os certificados de conclusão e que, com certeza, cresceram junto com o corpo docente e contribuíram para a construção do conhecimento na área da Museologia. Os trabalhos produzidos ao longo desse caminho atestam a importância da produção de vocês. Parabeno-os, desde já, e tenho certeza de que continuarão praticando a Museologia com seriedade, alegria, prazer, muita amorosidade e competência formal e política.

Também tenho a oportunidade de trocar experiências, neste momento, com uma platéia composta por colegas do Brasil e do exterior que, ao optarem por participar deste Simpósio, demonstram o interesse pelo tema pelo qual fui contaminada desde a minha juventude, quando ainda era estudante no curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia: a relação entre o museu e a Educação. Acredito que não só no debate de hoje, mas também nas demais sessões que acontecerão durante a semana, seremos enriquecidos com os resultados das ações-reflexões produto da vivência de cada um de vocês.

Registro, também, que a prof<sup>a</sup>. Cristina Bruno foi responsável por provocar em mim outros sentimentos: de motivação, ansiedade na busca da

estrutura e no desenvolvimento do texto e um certo receio de não corresponder à expectativa. Todos esses sentimentos que se apossam de nós, pobres mortais, e que nos fazem ser, em determinados momentos, *fracos e fortes, criativos e acomodados*. Durante esse ansioso processo de busca do caminho a ser percorrido, lembrei-me de um texto de uma discípula do nosso mestre Paulo Freire, Ana Maria Saul (1999), que atuou com ele em um de seus seminários no curso de Pós-Graduação da PUC-SP. Ana Maria narra que, certo dia, uma aluna, ao expor em aula uma página da sua dissertação, disse ao mestre: “Olhe, Paulo, às vezes eu tenho uma sensação de que aquilo que escrevi não vale muito a pena e tenho vontade de rasgar tudo e jogar no lixo”, ao que Paulo Freire respondeu, em tom bem-humorado: “Não faça isto, veja bem, eu também estou escrevendo um livro, eu vou dizer para você que ele até pode ser um livro rasgável; não sei ainda”. Continuando a narração, Ana Maria registra que nos dias seguintes os alunos pediam ao professor notícias do “livro rasgável”; alguns dias depois, Paulo Freire comunicou à classe que havia concluído o “livro rasgável”.

Essa lição do mestre me fez refletir sobre a necessidade de ser educadora por inteiro, expondo e experimentando na troca com o outro as nossas inseguranças, as nossas certezas que também podem ser consideradas como incertezas, buscando ser criativos e tendo a coragem de ousar. E é ainda o mestre Paulo Freire que nos adverte sobre a necessidade de ousar:

É preciso ousar, no sentido pleno desta palavra, para falar em amor sem temer ser chamado de piegas, de meloso, de a-científico, senão de anticientífico. É preciso ousar para dizer cientificamente que estudamos, aprendemos, ensinamos, conhecemos com nosso corpo por inteiro. Com sentimentos, com as emoções, com os desejos, com os medos, com as dúvidas, com a paixão e também com a razão crítica. Jamais com esta apenas. É preciso ousar para jamais dicotomizar o cognitivo do emocional. (Freire, 1993, p.10)

É, pois, tentando ousar que estou aqui com vocês, por inteiro, buscando desempenhar a missão a mim confiada pela Coordenação do Curso de Especialização em Museologia. E é também com emoção e razão que espero contaminar, motivar os novos alunos, para que ao refletir sobre os aspectos que serão aqui abordados possam, talvez, se apaixonar por

essa rica e desafiadora relação entre a Museologia, o museu e a Educação. Tenho certeza de que vocês, estimulados por seus mestres, irão ousar e enriquecer a construção do conhecimento na Museologia.

A ansiedade foi transformada em contentamento e, portanto, sinto-me muito feliz por estar aqui. Agradeço à colega Cristina Bruno pela confiança e por ter proporcionado esta oportunidade de reflexão que irei compartilhar com todos vocês.

#### APRESENTAÇÃO

Para o desenvolvimento do tema, achei por bem lançar um olhar para além dos problemas cotidianos dos nossos museus e das nossas escolas, impregnados da burocracia que sufoca e da falta de estrutura para o desenvolvimento dos trabalhos. Não que os considere menos importantes. Ponderei que já estamos cansados de “bater na mesma tecla”, causando até um certo esgotamento. Já levamos um bom tempo constatando, avaliando, chorando as nossas mágoas; agora, considero que é mais urgente do que nunca tomar como referencial os diagnósticos já realizados e, com o embasamento necessário, buscar outras estratégias de ação.

Optei também por fugir das discussões, até certo ponto já esgotadas, da aplicação de métodos e técnicas a, b, c ou d, que em nosso campo de atuação são denominados de educação patrimonial, visitas monitoradas, visitas de estudo etc., evitando realizar uma análise que se esgota na aplicação da técnica pela técnica. Considero que os métodos e as técnicas a serem utilizados em projetos a serem desenvolvidos pelos museus e pelas escolas devem ser apoiados nas concepções de Educação, Museologia e museu adotadas pelos sujeitos sociais envolvidos no seu planejamento e na sua execução, devendo, pois, ser adaptadas aos diferentes contextos, aos anseios e expectativas dos diversos grupos com os quais estejamos atuando, sendo repensados constantemente, modificados e enriquecidos com a nossa criatividade, com a nossa capacidade de ousar, realizando um processo constante de ação e reflexão no qual teoria e prática estejam sempre em interação.

Portanto, achei por bem apresentar as minhas reflexões sobre o tema

a partir da abordagem dos conceitos de educação e processo museológico, ressaltando a relação entre os dois, para em seguida apontar algumas possibilidades de aplicação em museus e em outros contextos. Por considerar que os museus são instituições que devem ser alimentadas pela aplicação do processo museológico, portanto, como ação e reflexão, incluindo teoria e prática, optei por centrar a análise no processo que irá embasar as ações museológicas, compreendidas como ações educativas passíveis de serem aplicadas no interior do museu ou fora dele, conforme salientado anteriormente. Ressalto, entretanto, que os referenciais aqui apresentados são considerados, por mim, “temporários”, ou seja, indicam uma constante necessidade de adaptação e renovação.

#### A RELAÇÃO ENTRE A EDUCAÇÃO E O PROCESSO MUSEOLÓGICO

A educação, neste trabalho, está sendo considerada como um processo. O termo processo, que também será utilizado quando da discussão da aplicação das ações museológicas, está sendo tomado em sua origem latina, ou seja: ação de avançar, atividade reflexiva que tem como objetivo alcançar o conhecimento de algo,<sup>1</sup> seqüência de estados de um sistema que se transforma. Assim, educação significa reflexão constante, pensamento crítico, criativo e ação transformadora do sujeito e do mundo; atividade social e cultural, histórico-socialmente condicionada. A educação, portanto, está sendo compreendida como “processo de formação da competência humana, com qualidade formal e política, encontrando no conhecimento inovador a alavanca principal da intervenção ética” (Demo, 1996, p.1).

A Museologia e a Educação, consideradas como histórico-socialmente condicionadas, assumem em cada período histórico características que são fruto das ações do homem no mundo, fazendo que possamos considerá-las como possibilidade e não como determinação. Daí a necessidade de contextualizá-las, situando-as no tempo e no espaço, compreendendo-as como ação social e cultural. A contemporaneidade não comporta mais modelos de desenvolvimento tecnológico e científico dissociados dos referenciais culturais de um povo. Cultura e desenvolvimento, mais do que nunca, têm de andar de mãos dadas.

1. Japiassú, Hilton; Marcondes, Hilton. *Dicionário básico de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

Outro aspecto que quero ressaltar, ainda relacionado à necessidade de interação entre as diversas áreas do conhecimento e do reconhecimento a que este está historicamente condicionado, é a necessidade de abertura para o mundo daqueles que são responsáveis por sua produção, no sentido de transformar a extensão em ação, acreditando que é possível construir conhecimento na troca, na relação entre o ensino formal e o não formal, no respeito à experiência e à criatividade dos muitos sujeitos sociais que estão fora das academias e que podem nos indicar caminhos e soluções muitas vezes por nós despercebidos, os quais também serão enriquecidos a partir das nossas reflexões e do conhecimento por nós produzido.

Comentando a necessidade de abertura da escola ao meio, Flecha e Tortajada, (2000, p.34) salientam que “a educação na sociedade da informação deve basear-se na utilização de habilidades comunicativas, de tal modo que nos permita participar mais ativamente e de forma mais crítica e reflexiva na sociedade”. Os autores sugerem que as escolas sejam transformadas em comunidades de aprendizagem, apoiadas nos conceitos de educação, integrada, participativa e permanente. Ao considerar que os processos educativos têm um caráter contínuo e permanente e que não se esgotam no âmbito escolar, eles salientam que temos de reconhecer que as aprendizagens que as pessoas realizam não se reduzem às oferecidas na escola; sendo assim, consideram de fundamental importância a incorporação da comunidade e do meio familiar ao trabalho diário da escola. Destacam ainda, os autores:

Não se deve repassar conhecimentos “acadêmico-formais” de maneira exclusiva.

Deve-se partir da combinação entre o prático, o acadêmico e o comunicativo, fazendo com que a comunidade e as famílias participem juntamente com os professores.

A análise da educação, portanto, está sendo aqui realizada compreendendo-a como um processo que deve ter como referencial o patrimônio cultural, considerando que este é um suporte fundamental para que a ação educativa seja aplicada, levando em consideração a herança cultural dos indivíduos em um determinado tempo e espaço e que as diversas áreas do conhecimento não funcionam como compartimentos estanques, mas são

parte de uma grande diversidade, resultado de uma teia de relações na qual cultura, ciência e tecnologia, em cada momento histórico, são construídas e reconstruídas pela ação do homem, produtor de cultura e conhecimento. Nesse sentido, compreendemos que a escola é uma instituição que faz parte do patrimônio cultural e, ao mesmo tempo, é alimentada por diversos patrimônios culturais, representados pelo conhecimento produzido e acumulado ao longo dos anos, fruto da herança cultural construída pelos sujeitos sociais ao longo da vida, ou seja, a tradição, que deve ser compreendida também como um processo de construção e reconstrução.

Ao justificar a adoção do termo *reconstrutivo* para a aprendizagem, Demo (2000, p.102) registra que aprendemos a partir daquilo que já aprendemos, conhecemos a partir do que está conhecido, lemos a realidade dentro de um certo contexto prévio, entendemo-nos na linguagem sobre pano de fundo partilhado e não questionado. O autor salienta que utiliza o termo *reconstrutivo* fazendo uma alusão tanto à sua marca biológica de interpretação seletiva quanto à marca social de formação do sujeito capaz de fazer história. A reconstrução leva-nos, então, a compreender a educação como projeto. Sacristán (2000, p.49), comentando a compreensão da educação como projeto, destaca que isso distingue a importância de um certo imaginário individual e coletivo que o configure e dê força de projeção futura, tornando claro que não está falando de um projeto de sociedade de indivíduos perfeitos, considerados como algo fixo, o que, na verdade, destaca o autor, suprimiria qualquer pluralismo. Refere-se a um projeto como imagem-tentativa e passível de revisão à medida que é construído de forma aberta. Ao comentar que a educação se nutre da cultura conquistada, comenta que ela atinge o seu sentido mais moderno como projeto, pois tem a capacidade de fazer aflorar homens, mulheres e sociedades melhores, com melhor qualidade de vida; isto é, encontra sua justificativa em transcender o presente e tudo o que vem dado. E, concluindo, ele salienta que sem utopia não há educação.

Comentando a importância da tradição para o processo educativo, o mesmo autor ressalta que só se pode pensar a partir do que foi pensado por outros. Destaca, ainda, que só temos o que os outros conquistaram,

valorizações do que foi feito, mais os desejos de continuar de uma determinada maneira o processo de continuar conquistando. A educação, portanto, alimenta-se da tradição, sendo esta o suporte essencial que lhe dá sentido, fornecendo a base necessária para a construção e reconstrução do conhecimento.

Sacristán (2000, p.49) ainda nos chama a atenção para a necessidade de manter e estimular, a partir das primeiras experiências de aprendizagem de materiais herdados, *a liberdade, a independência pessoal, o valor da expressão de cada um e da autonomia*<sup>2</sup> como sementes das quais poderá nascer uma atitude crítica para a reconstrução da tradição:

O “herdado” compreende os âmbitos mais diversos da experiência constituída em saber codificado: a ciência, a tecnologia, o conhecimento social, as artes, a literatura etc. Em todos eles, refletem-se as lutas da humanidade para dominar o mundo, para melhorá-lo, para vivê-lo de maneiras diferentes. Nesses saberes, também se encontram os instrumentos e as imagens que denunciam os erros cometidos, as injustiças e as necessidades insatisfeitas. Uma seleção adequada de tudo isso preenche-nos o programa de uma ilustração ponderada para continuar reflexivamente e refazer o progresso, que deve ser material e espiritual, instrumental e moral.

É interessante registrar, entretanto, que os conteúdos transmitidos pelas escolas ao longo dos anos têm privilegiado padrões de cultura importados, aplicados sem a devida redução social em currículos com conteúdos impostos de cima para baixo, dissociados da realidade dos alunos, em escolas burocratizadas e distantes das comunidades na qual estão inseridas – tema já discutido (Santos, 1993) por mim, realizando uma reflexão sobre a atuação dos museus e das escolas no Brasil. No contexto da escola burocratizada, cuja análise-diagnóstica foi ali apresentada, e que até certo ponto ainda pode ser considerada atualizada, há a adoção do conceito de patrimônio cultural como a “acumulação de bens, produzidos no passado e representativos da produção cultural de determinadas camadas da sociedade”, patrimônio este preservado e depositado nos museus para deleite de um determinado grupo da sociedade. O conceito de museu, para a grande maioria de professores e alunos, ainda permanece como o de “um local onde se guarda coisas antigas”, e o patrimônio cultural é

compreendido como algo que se esgota no passado, cabendo aos sujeitos sociais contemplá-lo de maneira passiva, sem nenhuma relação com a vida no presente. Cultura, patrimônio e tradição são produtos dissociados do cotidiano do professor e da vida dos alunos.

Repensar a tradição e reconstruí-la é missão primordial da escola; o legado cultural deve ser a base, o referencial básico para a apresentação de novos problemas e novas abordagens, o que só poderá ser conseguido por meio da pesquisa, considerada como princípio educativo. Demo (1996, p.7) chama a atenção para o fato de que é essencial desenvolver a face educativa da pesquisa, pois, caso contrário, iríamos restringi-la a mera acumulação de dados, experimentos e leituras, que não passam de insumos preliminares, enquanto a pesquisa inclui sempre a percepção emancipatória do sujeito que busca fazer e fazer-se oportunidade, na medida em que começa e se reconstitui pelo questionamento sistemático da realidade. Incluindo a prática como componente necessário da teoria e vice-versa, englobando a ética dos fins e dos valores. A pesquisa como princípio educativo deveria ser então o caminho a ser percorrido para o estabelecimento de uma relação efetiva entre educação e cultura, visando a apropriação, a reapropriação e a criação de novos patrimônios culturais.

#### O PROCESSO MUSEOLÓGICO COMO AÇÃO EDUCATIVA E DE COMUNICAÇÃO

A partir da compreensão de que a educação se apóia na construção e reconstrução do patrimônio cultural, buscarei estabelecer uma aproximação entre os dois processos, educativo e museológico. Embora reconheça as especificidades de cada um, procurarei estabelecer as relações entre eles com o objetivo de, posteriormente, apontar possibilidades de ações conjuntas. É importante compreendermos com qual conceito de processo museológico estamos trabalhando, para que seja possível realizar a análise de aproximação proposta.

Assim como a educação, o patrimônio cultural é o referencial básico para o desenvolvimento das ações museológicas. Os processos museais gestados ao longo dos anos contribuíram de modo efetivo para a ampliação do seu conceito, na medida em que, para sua aplicação, o patrimônio cultural

2. O grifo foi por mim acrescentado com o objetivo de chamar a atenção para a necessidade de compreender a tradição como um conceito dinâmico, resultado da ação do homem em um determinado tempo e espaço, portanto, histórico-socialmente condicionada.

é compreendido como a relação do homem com o meio, ou seja, o real na sua totalidade – material, imaterial, natural e cultural –, em suas dimensões de tempo e de espaço. Conseqüentemente, os bens culturais a serem musealizados também foram ampliados. Nesse sentido, as ações museológicas não são processadas somente a partir dos objetos, das coleções, mas tendo como referencial o *patrimônio global*, na dinâmica da vida, tornando assim necessária uma ampla revisão dos métodos a serem aplicados nas ações de *pesquisa, preservação e comunicação* nos diferentes contextos.

Por outro lado, a ampliação do conceito de patrimônio está relacionada também à criação de novas categorias de museus, como ecomuseus, museus comunitários, museus de vizinhança etc. Essas novas categorias, abertas a uma população e a um território, contribuíram também para que as ações museológicas possam ser processadas fora do espaço restrito do museu, abrindo assim amplas possibilidades para a realização de novos processos de musealização. Do ponto de vista metodológico, foi um vetor a incentivar a busca de soluções criativas, bem como para avaliar as práticas museológicas aplicadas em outras categorias de museus.

O fazer museológico é compreendido, então, como um processo caracterizado pela aplicação das ações de *pesquisa, preservação e comunicação*, conforme explicitado a seguir:

- A atividade de pesquisa tem o objetivo de construir o conhecimento, tomando como referencial o cotidiano, qualificado como patrimônio cultural, ou seja, *observação, análise e interpretação da realidade*, qualificada como patrimônio cultural. Esse conhecimento é construído na ação museal e para a ação museal, em interação com os diversos grupos envolvidos. Não se trata da pesquisa que se esgota na mera descrição e análise dos objetos. A pesquisa alimenta todas as ações museológicas, em processo.
- Na ação de preservação são destacadas as seguintes etapas:

**COLETA:** o acervo é o conjunto dos bens dinâmicos, em transformação em uma comunidade, e não somente uma coleção. Trabalha-se com o acervo institucional, ou seja, material arquivístico e iconográficos, plantas, maquetes, depoimentos testemunhos etc., e com o acervo operacional:

áreas do tecido urbano socialmente apropriadas como paisagens, estruturas, monumentos, equipamentos, técnicas do saber e do saber fazer, artefatos, meio rural etc.

**CLASSIFICAÇÃO E REGISTRO:** o processo documental não se limita ao registro do acervo. Busca-se, por meio da cultura qualificada, produzir um conhecimento elaborado no processo educativo, realizando ações de pesquisa. Há uma documentação dos dados coletados, que são sistematizados de acordo com as características das diversas realidades que estão sendo musealizadas, formando o banco de dados do museu, referente à realidade local, a partir das ações de pesquisa, por meio da ação interativa entre os técnicos e grupos envolvidos. Busca-se a qualificação da cultura, da análise e a compreensão do patrimônio cultural em sua dinâmica real, e não a seleção de determinados aspectos para armazenamento e conservação. O banco de dados é o referencial básico de informação, aberto à comunidade e que deve ser alimentado, constantemente pelos diversos processos em andamento no museu.

Os instrumentos utilizados na documentação são criados e adaptados a cada realidade, discutidos com os diversos grupos envolvidos na ação museológica e absorvidos pelos mesmos, para a sua aplicação. O processamento do conhecimento produzido e sua inclusão no banco de dados se dão com a participação dos componentes do museu, ao mesmo tempo em que os técnicos participam na elaboração dos instrumentos de coleta de dados, estabelece-se um processo dialógico no qual o museólogo e os demais grupos envolvidos são enriquecidos, tanto na fase do planejamento como na execução, havendo, também, um aumento da auto-estima de ambos quando o produto do seu trabalho é utilizado para a compreensão da realidade e para a construção de um novo conhecimento, atingindo, assim, os objetivos propostos na ação documental.

**CONSERVAÇÃO:** busca-se a formação de atitudes preservacionistas. Estabelece-se um processo no sentido de compreender os objetivos da preservação no fazer cotidiano das pessoas. A conservação é, então, um processo de reflexão para uma ação que se dá em um contexto social e não somente a aplicação de técnicas em determinados acervos. Esforços são concentra-

dos na busca da sensibilização e na formação de conservadores, na própria população, a partir de suas aptidões e atitudes.

– Quanto à comunicação, ela não está restrita ao processo de montagem das exposições. A exposição é parte integrante do processo museológico, mas é importante registrar que sempre fica uma distância entre o material “inerte” que é exposto e o processo vital que lhe deu origem. Ao contrário do procedimento mais usual dos museus, em que a exposição é o ponto de partida para se estabelecer uma interação com o público, na ação museológica aqui proposta a exposição é, ao mesmo tempo, produto de um trabalho interativo, rico, cheio de vitalidade, afetividade, criatividade e reflexão, que dá origem ao conhecimento que está sendo exposto e a uma ação dialógica de reflexão, estabelecida no processo que antecedeu a exposição, além de ser ponto de partida para outra ação de comunicação.

As demais ações museológicas de pesquisa e preservação, já analisadas anteriormente, também são um processo de comunicação, uma vez que são gestadas por meio de um processo constante de interação em uma ação pautada no diálogo, levando-se em consideração as características dos grupos envolvidos e as diversas maneiras de estar no mundo e de se expressar por meio de diferentes linguagens. É interessante ressaltar que as ações museológicas de pesquisa, preservação e comunicação estão integradas entre si, aos objetivos dos diferentes projetos e às características dos diversos grupos sociais, em um processo constante de revisão, adaptação e renovação.

É necessário salientar que, como processo, as ações museológicas não podem esgotar-se em si mesmas, na mera aplicação da técnica pela técnica. Portanto, para que a Museologia seja aplicada com o objetivo de atingir, por meio da interpretação e do uso do patrimônio cultural, o desenvolvimento social e o exercício da cidadania, é necessário que seja aplicada com competência formal e política, ou seja, é necessário desenvolver sua face educativa. Assim como na educação, o processo museológico é compreendido como ação que se transforma, que é resultado da ação e da reflexão dos sujeitos sociais em determinado contexto, passível de ser repensado,

modificado e adaptado em interação, contribuindo para a construção e reconstrução do mundo. Daí o sentido de associarmos o termo “processo” às ações de musealização, compreendido como uma seqüência de estados de um sistema que se transforma por meio do questionamento reconstrutivo e que, ao transformar-se, transforma o sujeito e o mundo. A utilização do termo “processo” permite, portanto, atribuir as dimensões social e educativa à Museologia.

Compreender a ação museológica como ação educativa significa, então, caracterizá-la como ação de comunicação, porque é buscando as interfaces das ações de pesquisa, preservação e comunicação que conseguimos nos distanciar da compartimentalização das disciplinas e, ao mesmo tempo, realizar, na troca, no diálogo, na interação com nossos pares e com os demais sujeitos sociais envolvidos nos diversos projetos nos quais estejamos atuando, estabelecer metas e objetivos que não se esgotam na aplicação da técnica isolada, descontextualizada, evitando a dissociação entre os meios e o fim. Portanto, considero que o processo museológico é um processo educativo e de comunicação, capaz de contribuir para que o cidadão possa ver a realidade e expressar essa realidade, qualificada como patrimônio cultural, expressar-se e transformar a realidade. Nesse sentido, o processo museológico é ação educativa e de comunicação. Assim, definimos o fato museal como a qualificação da cultura em um processo interativo de ações de pesquisa, preservação e comunicação, *objetivando a construção de uma nova prática social*.

As ações museológicas deverão ter como foco a nossa identidade como sujeitos singulares e múltiplos cidadãos, brasileiros, sul-americanos, cidadãos do mundo. Deverão ser abertas possibilidades de múltiplas leituras do mundo, de tal forma que o conhecimento faça parte de nossas vidas, de nossa cultura, de nossa identidade, e não seja somente o conhecimento legitimado por outros grupos. Nesse sentido, os projetos poderão ser desenvolvidos com a participação dos núcleos comunitários, compreendidos aqui como grupos de indivíduos que, apoiados em um patrimônio, realizam ações museológicas com objetivos e metas estabelecidas a partir das suas necessidades, dos seus anseios, definindo em conjunto desa-

fios e soluções, situando-os no contexto mais amplo da sociedade, com o objetivo de produzir conhecimento a partir das múltiplas realidades qualificadas como patrimônio cultural, integrando as diversas áreas do conhecimento e buscando atingir os seguintes objetivos:

- Promover a apropriação e a reapropriação do patrimônio cultural por meio das ações museológicas de pesquisa, preservação e comunicação, tornando possível ao cidadão considerá-lo como um referencial para o exercício da cidadania.
- Contribuir, por meio do processo museológico, para gerar um processo de preservação do patrimônio global, visando o desenvolvimento humano sustentável.
- Promover a participação dos cidadãos na elaboração e execução dos projetos, contribuindo para a construção do conhecimento a partir das suas histórias de vida, capacitando-os a formular e executar um projeto próprio de vida no contexto histórico, integrando o museu à sociedade, buscando conjuntamente a construção de uma nova prática social.
- Democratizar o conhecimento produzido nos museus, escolas e instituições parceiras.
- Contribuir para aumentar as opções de lazer das comunidades envolvidas nos projetos.
- Musealizar o conhecimento produzido por intermédio dos diversos projetos, expondo, classificando, documentando, conservando, divulgando e promovendo a sua utilização.
- Interagir com as instituições educacionais elaborando projetos com o objetivo de utilizar o patrimônio cultural como um suporte essencial ao processo educativo e ao desenvolvimento social.
- Potencializar os recursos educativos da comunidade, realizando o intercâmbio necessário entre o ensino formal e não formal, um alimentando o outro.
- Viabilizar a utilização do potencial turístico da cidade e dos bairros onde os museus e escolas estão inseridos.
- Promover a formação de profissionais que potencializem suas institui-

ções como agentes de desenvolvimento regional.

- Contribuir para a construção do conhecimento na área da Museologia.
- Proporcionar meios para que as instituições museais melhorem e ampliem seus campos de atuação no meio social onde estão inseridas.
- Melhorar o desempenho e a qualificação dos profissionais que atuam em instituições culturais e educacionais.
- Desenvolver e aplicar tecnologias, na área da Museologia, observando-se as necessidades e diversidades regionais.
- Criar oportunidades de se ampliar conhecimentos, rever conceitos e modificar procedimentos de trabalho.
- Oferecer aos profissionais da área subsídios da reflexão contemporânea na Museologia, capacitando-os para a aplicação de metodologias e técnicas de pesquisa, preservação e comunicação museológicas.
- Promover intercâmbio e parcerias com outros museus e instituições, nos âmbitos local, nacional e internacional, por meio da realização de programas de cooperação mútua.

#### A MUSEOLOGIA, O MUSEU E A EDUCAÇÃO: PERSPECTIVAS DE AÇÃO-REFLEXÃO

As concepções de Educação e Museologia aqui apresentadas apontam para a necessidade de reformulação das metas e dos objetivos a serem alcançados na interação entre museu e escola, o que deverá influenciar também na reestruturação dos procedimentos a serem adotados para operacionalização dos projetos a serem desenvolvidos na atuação conjunta entre as duas instituições. Não pretendo, como já foi dito na apresentação, apresentar receitas para a execução dos programas a serem desenvolvidos. Meu objetivo, a partir das reflexões apresentadas anteriormente e apoiada na minha experiência na execução de projetos envolvendo museus, escola e comunidade, é apresentar algumas reflexões e contribuições que possam, talvez, tornar esse trabalho conjunto mais eficaz, no sentido de atingir a nossa missão como educadores.

É necessário registrar que não estou vinculando a concepção de processo museológico, bem como as sugestões aqui apresentadas, a uma categoria específica de museu; a aplicação do processo museológico inde-

pende das categorias de museus; o que buscamos é aproximar processos e instituições.

As sugestões apresentadas a seguir têm o objetivo de motivar, de estimular a prática museológica que tenha como produto a construção do conhecimento, que seja, portanto, educativa:

- O museu, como instituição histórico-socialmente condicionada, não pode ser considerado um produto pronto, acabado; ele é fruto das ações dos sujeitos que o estão construindo e reconstruindo a cada dia. São as nossas concepções de Museologia e de museu que estarão atribuindo à instituição diferentes perfis, que deverão ser adaptados aos diversos contextos. Daí a necessidade de uma avaliação constante, que deverá fornecer dados significativos para a definição da missão e dos objetivos, o que implica a necessidade de abertura, por parte de seu corpo técnico e das pessoas responsáveis por sua administração, manifestada em atitudes que demonstrem a motivação e o desejo de mudar, de buscar uma atualização constante, compreendendo que, para desenvolver o pensamento crítico, é necessário haver sistematização e argumentação. Pensar a relação museu-escola na perspectiva de processo aqui apresentada, implica, sobretudo, a transformação dos responsáveis pelos projetos, que deverão ser desenvolvidos com qualidade formal e política.
- O museu, para atingir sua função pedagógica, deverá ter uma capacidade de produção própria, com questionamento crítico e criativo, sem, contudo, deixar de interagir com outras áreas do conhecimento. A pesquisa como princípio científico e educativo é o caminho para que o museu possa contribuir efetivamente para o desenvolvimento sociocultural.
- A compreensão de que as ações museológicas de pesquisa, preservação e comunicação devam ser aplicadas em interação e como função educativa aponta para a necessidade de uma ação integrada entre os técnicos que atuam em todos os setores dos museus, definindo metas e objetivos em conjunto, ampliando assim suas funções e seus campos de aplicação.

- É necessário compreender que não é somente o setor educativo do museu o responsável pelos programas com as escolas; a operacionalização das programações pode ser responsabilidade de um setor específico, ou de vários setores em interação. O que é mais importante compreender é que todas as ações museológicas devem ser pensadas e praticadas como ações educativas e de comunicação, mesmo porque, sem essa concepção, não passarão de técnicas que se esgotam em si mesmas e não terão muito a contribuir para os projetos educativos que venham a ser desenvolvidos pelo museu, tornando a instituição um grande depósito para guarda de objetos.
- O processo de interpretação do patrimônio cultural deve ser desenvolvido com uma função educativa e não instrucionista. Nesse sentido, memorizar características das coleções e alguns fatos relacionados à vida no passado, para serem transmitidos aos alunos, ou fazê-los representar cenas e vivências do passado sem o afastamento e a reflexão necessários para compreensão do tempo do aluno e do tempo passado, com pensamento crítico, torna-se até certo ponto atividade pouco produtiva. Freire (2000) nos lembra que “a questão fundamental não está em que o passado passe ou não passe, mas na maneira crítica, desperta, com que entendemos a presença do passado em procedimentos do presente” (p.75). Destaca o mestre que, “nesse sentido, o estudo do passado traz à memória do nosso corpo consciente a razão de ser de muitos dos procedimentos do presente e nos pode ajudar, a partir da compreensão do passado, a superar marcas suas” (p.75);
- Compreender o objeto, a manifestação cultural, como um ponto de partida para questionamentos, comparações, a fim de estabelecer conexões entre o velho e o novo, arte e ciência, uma cultura e outra, para uma análise crítica e o estímulo da criatividade, fazendo a ponte entre os objetos e a cultura do aluno, potencializando o patrimônio cultural como vetor de produção de conhecimento. Para tanto, é necessário repensar os procedimentos adotados nos programas desenvolvidos com as escolas, superando as questões burocráticas, as limitações

de tempo, a ânsia de mostrar, com uma postura instrucionista, toda a coleção do museu. Mais do que se tornar conhecido e divulgado, o museu necessita ser vivido, compreendido como um local onde a tradição pode ser conhecida, percebida, questionada e reinventada, estimulando e apoiando até mesmo a criação de novos museus.

- Interagir com outras instituições, com os sujeitos sociais que estão fora dos museus, “sair da gaiola”. Temos constatado, há anos, o isolamento dos museus. Minha experiência tem demonstrado que há imensas possibilidades de crescimento da Museologia, do museu e da Educação quando nos dispomos também a aplicar as ações museológicas fora do espaço do museu. Ao procedermos assim, estaremos incentivando a criação de novos processos museais, bem como contribuindo para repensar as ações que estão sendo desenvolvidas nos museus já instituídos e nas escolas. Para que esse intercâmbio seja efetivado, é necessário que estejamos abertos à cooperação e participação, estabelecendo parcerias para a realização de projetos integrados, buscando o enriquecimento com a experiência do outro, o incentivo à criatividade e à abertura de novos caminhos, criando oportunidades de ampliar conhecimentos, rever conceitos e modificar procedimentos de trabalho, realizando uma gerência participativa, em que haja troca e respeito à idéia do outro, mantendo uma comunicação permanente.
- Assim como o museu, a escola também deve se tornar uma instituição aberta à comunidade e às parcerias com outras instituições. É possível criar uma rede de interação de recursos educativos, integrando-os a objetivos comuns, a fim de tornar a escola um sistema aberto, em contínua comunicação com o meio, incentivando a criação de verdadeiras estruturas democráticas de participação proativa. Considero que essa seria uma atitude fundamental para qualificar o fazer cultural dos diversos participantes como patrimônio cultural, buscando a sua apropriação e reapropriação.
- Por meio de uma ação integrada com os cursos de Museologia, com os técnicos que atuam nos museus e nas escolas, desenvolver projetos com o objetivo de melhorar o desempenho e a qualificação dos profissionais

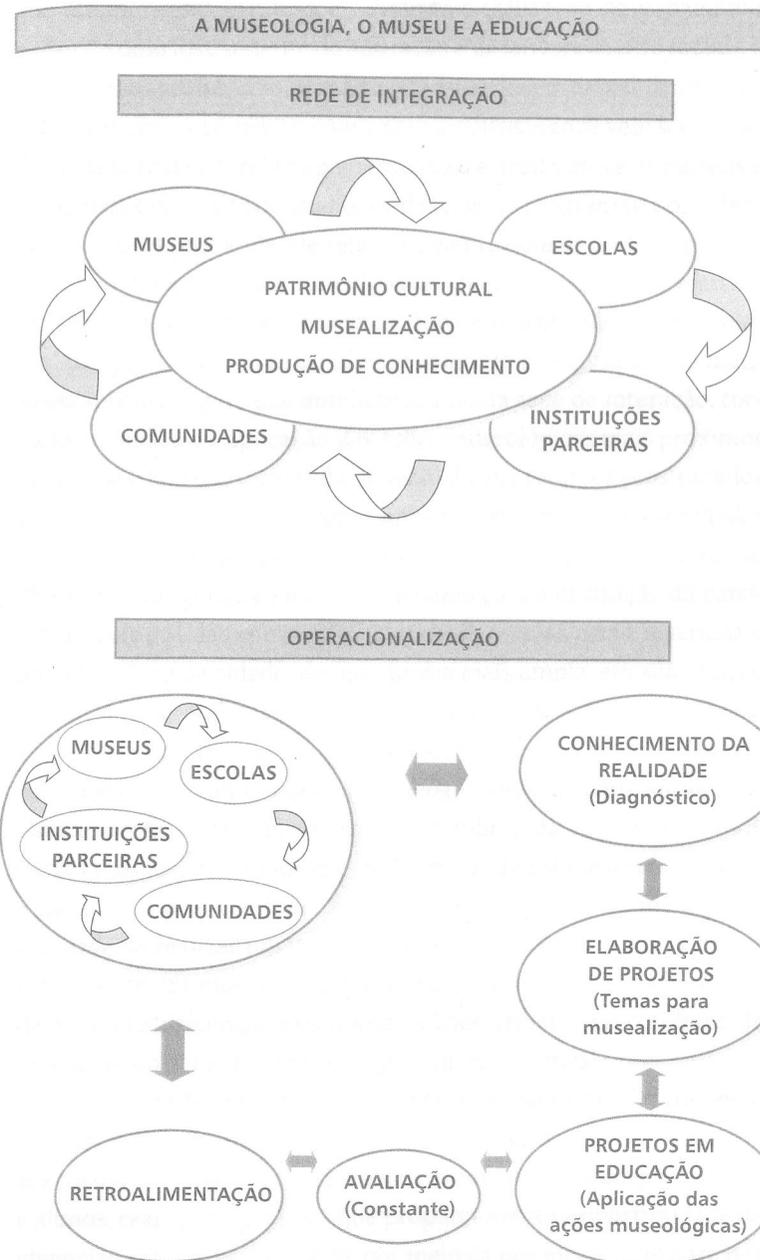
que atuam nessas instituições, visando a utilização do patrimônio cultural como instrumento de educação e desenvolvimento social.

- Em relação aos professores, acredito que estes devem deixar de ser considerados um problema e passar a ser parceiros; não devem ser culpados pela falta de um relacionamento mais estreito entre os museus e as escolas, e pela falta de qualidade dos nossos programas. Considero que os nossos problemas de relacionamento com os professores não serão resolvidos apontando culpados. Quais os resultados efetivos conseguidos ao assim procedermos? Talvez uma atitude de aproximação, de aposta na ação e na reflexão conjunta nos ajude muito mais. Nesse sentido, sugiro que ampliemos a nossa rede de interação, tornando o museu e a aplicação das ações museológicas mais próximos das escolas, fazendo o caminho inverso do que estamos acostumados a fazer, atitude esta que poderá também abrir amplas possibilidades para a criação de uma grande rede de comunicação entre museus de diferentes categorias e escolas, bem como para a utilização do patrimônio cultural das comunidades onde as escolas estão inseridas e do patrimônio da cidade, de uma forma mais ampla, em sua relação com o mundo. Esta proposta está embasada na experiência que vivenciei em um grande colégio da rede estadual de ensino da cidade de Salvador (BA), quando a ação museológica desenvolvida aproximou alunos, professores, funcionários e membros da comunidade e de outros museus, do patrimônio do bairro onde está inserida a escola e da cidade como um todo. Essa experiência proporcionou a oportunidade de realizar um treinamento em serviço, tornando a escola um local de aprendizagem para alunos, professores e profissionais da área da Museologia, executando vários projetos no cotidiano da escola, tendo como referencial o patrimônio cultural.
- Sugiro que a rede de comunicação acima proposta seja estendida também aos cursos de formação de professores, nos diferentes níveis, bem como aos cursos de Museologia, com o objetivo de trabalhar com professores e alunos, realizando projetos que proporcionarão a oportunidade de vivenciar a rica experiência de, por meio da pesquisa e com base nos

referenciais do patrimônio cultural, capacitar os futuros museólogos e professores para a realização de projetos semelhantes com a participação de seus alunos. Assim, eles estarão também aproximando os cursos da comunidade, da rede escolar e dos museus. Acho mesmo que a atuação conjunta dos cursos de formação de professores e dos cursos de Museologia é uma grande contribuição no sentido de viabilizar a execução das propostas aqui apresentadas.

- É fundamental que a ampliação da rede de interação aqui proposta atinja também os diversos escalões das instituições responsáveis pela administração das escolas e dos museus, uma vez que umas das maiores dificuldades que encontramos é vencer as barreiras das escolas e dos museus burocratizados, cujos projetos pedagógicos, quando existem, são elaborados para atingir objetivos impostos de cima para baixo. Acredito que a idéia da rede de interação deverá proporcionar a todos os envolvidos nessa rica teia de relações um aprendizado constante e renovado.

As propostas aqui apresentadas estão sintetizadas nos esquemas a seguir, quando são destacadas a concepção, a rede de interação e a operacionalização:



#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tenho consciência das imensas dificuldades que iremos encontrar para aplicar muitas das sugestões aqui apresentadas; compreendê-las não como receita, mas como possibilidades talvez seja o primeiro passo para iniciar ou alimentar processos museológicos já em andamento, testando-as, experimentando-as na vivência de cada um, buscando assim novas possibilidades de ação-reflexão, criando novos conceitos e novos métodos, pois, como já foi salientado, os referenciais aqui apresentados são “temporários”. Chamo a atenção, mais uma vez, para a necessidade de ousar, o que implica a coragem para enfrentar e solucionar problemas com criatividade e muita determinação. Nesses tempos de desencantamentos, de falta de estímulo e de acomodação, nunca é demais lembrar o nosso mestre Paulo Freire (1993, p.10), apresentando a citação de um texto seu que considero muito apropriado para as reflexões que estamos realizando neste momento:

Não gostaria de ser homem ou de ser mulher se a impossibilidade de mudar o mundo fosse algo tão óbvio quanto é óbvio que os sábados precedem os domingos. Não gostaria de ser mulher ou homem se a impossibilidade de mudar o mundo fosse verdade objetiva que puramente se constatasse e em torno de que nada se pudesse discutir. Gosto de ser gente, pelo contrário, porque mudar o mundo é tão difícil quanto possível. É a relação entre a dificuldade e a possibilidade de mudar o mundo que coloca a questão da importância do papel da consciência na história, a questão da decisão, da opção, a questão da ética e da educação e de seus limites.

É, pois, acreditando que somos sujeitos da história que os convido a entrar no novo milênio, não com desânimo, mas realizando projetos capazes de provocar transformações educativas e igualitárias na sociedade da informação.

## os museus e a busca de NOVOS HORIZONTES

Texto apresentado no III Fórum de Profissionais de Reservas Técnicas de Museus, realizado em Salvador (BA), no período de 18 a 22 de novembro de 2002, organizado pelo Conselho Federal de Museologia (COFEM) e pelo Conselho Regional de Museologia, 1a. Região – COREM-BA.